

notícias

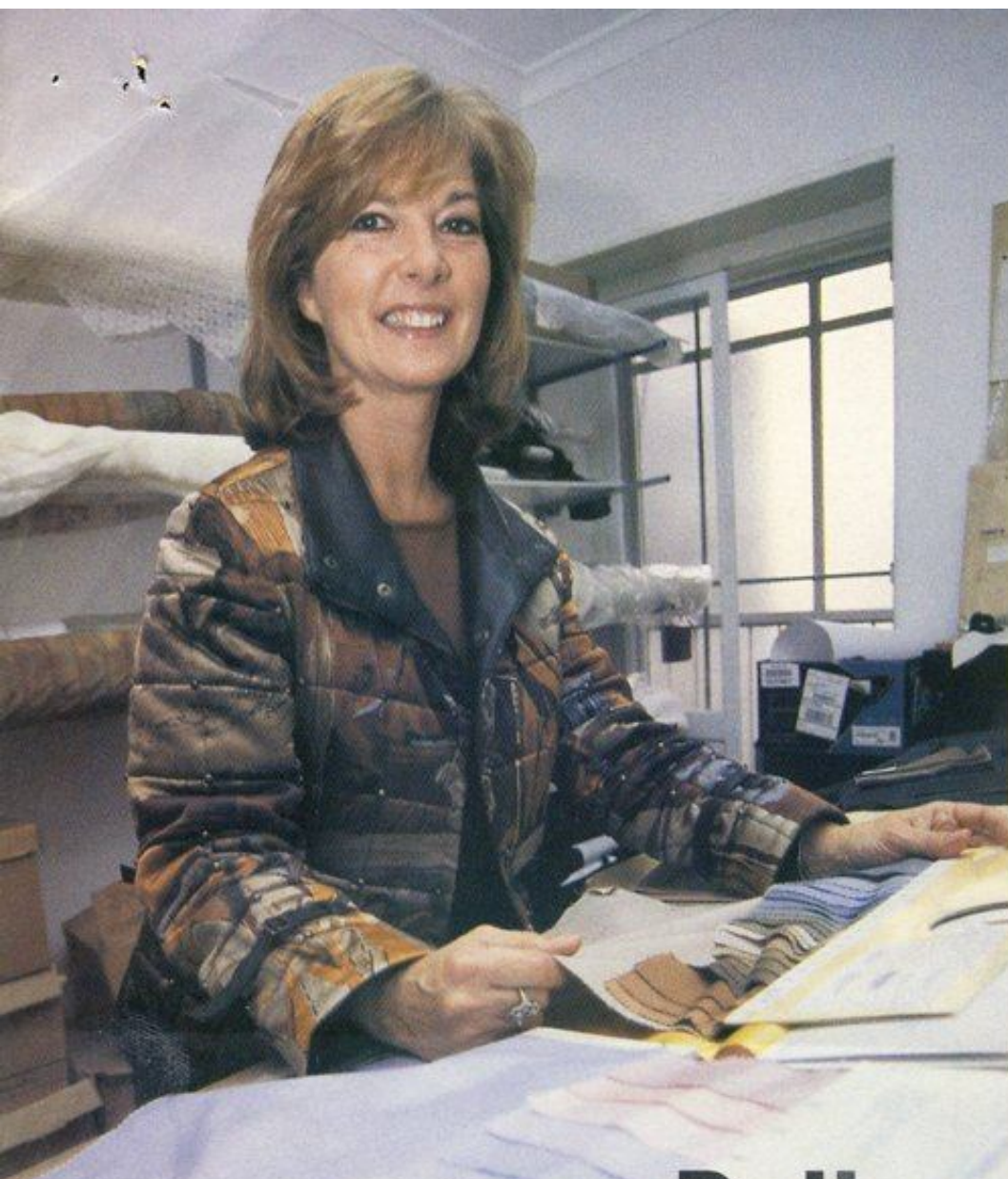
M A G A Z I N E

ENRIO MORRICONE | DULCE PONTES

VOAR A QUATRO ASAS

ELE É UM DOS MAIS FAMOSOS MAESTROS DO MUNDO. ELA É A CANTORA PORTUGUESA QUE GALVANIZA OS CORAÇÕES NACIONAIS E ESTRANGEIROS. JUNTARAM-SE NO ROYAL ALBERT HALL, EM LONDRES, E FORAM ACLAMADOS DE PÉ

Número 600 • 53 de Novembro de 2003 • Este suplemento faz parte do Jornal de Notícias n.º 368 116. Diário de Notícias n.º 49 185 e é vendido com Diário de Notícias (Madeira) n.º 41302. Não pode ser vendido separadamente



| **Fardas** | Com um toque de modernidade e sobriedade, Isilda Pelicano venceu o concurso internacional de fardas para vestir cerca de 1250 pessoas da organização do Campeonato da Europa de Futebol, que se realiza em Portugal no ano que vem, desde o *staff* a dirigentes da UEFA. A *designer* de moda explica como consegue conciliar a indústria dos fardamentos com a criação de *prête-à-porter* e o fato a pedido da atriz Laetitia Cast

Texto de Isaura Almeida
Fotografias de Pedro Velez

Pelicano veste Euro 2004

TUDO COMEÇOU QUANDO ISILDA PELICANO recebeu um telefonema a perguntar se estaria interessada em receber o caderno de encargos do concurso internacional de fardas para o Euro 2004, proposto pela UEFA. Depois de analisadas todas as alíneas do concurso, seguiu-se a fase da pesquisa: desde o estudo do logótipo do Campeonato da Europa de Futebol até às recomendações do organismo europeu, passando por uma análise de possíveis matérias-primas a utilizar na confecção das fardas.

As ideias começaram a aparecer, fruto de um grande trabalho de pesquisa que passou da mente criadora da estilista para o papel. Surgem os primeiros *croquis*... acaba-se a apresentação do trabalho a concurso e segue para a Sociedade Euro 2004 que, em conjunto com o parceiro europeu (UEFA), decide atribuir a confecção das fardas a Isilda Pelicano, seleccionada entre nove candidatos. Mas o maior feito da estilista foi conseguir vencer o concurso mesmo "rompendo" uma das regras do cader-

no de encargos que aconselhava o azul e o cinzento como cores a aplicar. A *designer* de moda conta que o logótipo deu o mote para o castanho e o laranja, e a imaginação fez o resto: "Quando pensamos numa cor temos de pensar em que suporte aquela cor funciona", explicou, defendendo que as fardas completam-se quando juntas numa sala, mas não cansam. Para a *designer*, as fardas podem funcionar individualmente ou no mesmo ambiente, na mesma paisagem, pois vão estar no

O maior feito da estilista foi conseguir vencer o concurso mesmo **"rompendo" uma das regras do caderno de encargos que aconselhava o azul e o cinzento** como cores a aplicar

mesmo sítio e têm de estar esteticamente equilibradas.

A proposta de Pelicano distinguiu-se das outras, segundo o júri do concurso, pela convivência de uma concepção clássica, sem ser conservadora, com a versatilidade das opções e, acima de tudo, pela sobriedade aliada à modernidade. Os modelos apresentados deixam transparecer uma imagem adaptável a diversas faixas etárias em que o colorido e o *design* arrojado sobressaem na qualidade e funcionalidade dos tecidos sugeridos. Isilda fez uma minuciosa escolha/estudo de matérias-primas até se decidir por texturas distintas para os três grupos de fardas, mas sempre com bases cem por cento algodão e lã, porque, diz, "não podia oferecer um produto que pudesse dar uma má imagem de um país de têxteis". Isilda Pelicano conseguiu integrar o espírito jovem e alegre que as fardas devem quase sempre ter, segundo exigências iniciais dos clientes, com o ambiente desportivo do evento, o que resulta numa elegância fresca e viva das fardas.

COLINA INSPIROU FARDA PARA OS ÁRBITROS

A estilista vai vestir cerca de 1250 pessoas em quatro grupos distintos. O primeiro abrange o pessoal do Euro 2004, da Federação Portuguesa de Futebol e Gabinete de Imprensa. No segundo, estão os membros do Comité Executivo da UEFA e do Conselho de Administração do Euro 2004. No terceiro grupo, os árbitros e os seus assistentes e, por último, o *staff* da prova.

Para o traje de cerimónia dos árbitros, a criadora inspirou-se em Colina, considerado o melhor do mundo da arbitragem, e explicou qual o processo: "Primeiro pensei que tipo de pessoa é o árbitro, o seu universo, e é, dentro daqueles que me são dados a vestir, o elemento mais atlético e desportivo. A compleição física também foi importante para a proposta final. Pensei obviamente no Colina, uma figura muito carismática, ligada à moda; já o vi em desfiles, nomeadamente na Praça de

Espanha, e tem uma imagem muito própria e um estilo inerente à sua figura física, talvez por ser careca. Pensei na figura dele e foi sobre ele que a minha pesquisa se debruçou." Assim, a farda dos homens do apito será de cor castanha com um riscado muito fino, que dá um ar atlético a quem a veste, e que, de certa forma, deixa para trás a imagem negra que os adeptos têm do árbitro e juizes de linha.

O modelo que os executivos da UEFA e da Sociedade Euro 2004 irão vestir será mais clássico e sóbrio, dada a sua posição de dirigentes. A farda do *staff* deixa transparecer mais jovialidade sobre traços de muita sobriedade e, acima de tudo, é muito mais confortável ao movimento. Mas há ainda a farda feminina que dá um toque de beleza e cor (laranja no caso do *staff*), muito moderna e fresca, típica do Verão mediterrânico. E, como diz Isilda Pelicano, seria impensável pôr as assistentes com um ar demasiado desportivo: "Elas têm de ter um ar moderno e actual mas nunca demasiado desportivo; seria complicado calçarem ténis, por exemplo, porque iria chocar com a linha dos fardamentos."

Apesar de as fardas estarem ligadas a um evento desportivo, não gosta que se confundam fardas com equipamentos desportivos, já que se trata de um traje de cerimónia. Embora se considere capaz de desenhar um equipamento desportivo para uma equipa de futebol, considera que teria de ter outro tipo de pesquisa, até no campo das matérias-primas. E se tivesse de criar uma farda para a selecção nacional de futebol? "Ai o grupo era bem mais pequeno e, se fosse possível, tentaria conhecê-los um pouco mais, saber dos seus gostos a nível de vestuário e cor, mas sempre tendo em conta a ocasião em que eles iriam usar o fardamento."

A determinação e humildade com que encara cada projecto faz com que Isilda Pelicano não feche a porta aos desafios que se lhe colocam no dia-a-



O ar moderno e actual dos assistentes



Comité da UEFA

Árbitros

Staff do EURO

Live 4 it!



Para o traje de cerimónia dos árbitros, a criadora inspirou-se em Colina, considerado o melhor do mundo da arbitragem

-dia e, por isso, diz que "acima de tudo, um *designer* tem de saber equacionar os dados para conseguir responder capazmente". A primeira aparição pública dos trajes de cerimónia do Euro 2004 será a 30 de Novembro, no Pavilhão Atlântico, quando do sorteio final que ditará os grupos e cidades onde cada selecção jogará a prova portuguesa.

A MODA DEPOIS DOS QUARENTA

Isilda Pelicano é natural de Alfaiates, uma pequena aldeia no distrito da Guarda, onde nasceu há 53 anos. A adolescência já foi vivida em Lisboa, para onde veio morar apenas com quatro anos. Licenciada em Filologia Germânica, não foi capaz de encarnar o espírito pensativo no dia-a-dia e abandonou o curso após o bacharelato. Seguiu-se um curso superior de Educação pela Arte, porque é preciso aprender para depois criar, e ainda Design de Interiores que nunca chegou a exercer. Finalmente, frequenta o curso de Design de Moda no Instituto das Artes e do Espectáculo (IADE), em 1989.

Há uma década que se dedica exclusivamente à moda, mas nada foi fácil no percurso da estilista nortenha até conseguir singrar e abrir uma loja em Benfica. Cria, desenha, corta, molda...

faz de tudo um pouco até a peça de roupa sair para a loja ou directamente para a *passerelle*. Talvez por influência do curso de Filologia, Isilda parece colocar um valor intrínseco em cada criação, e revela-se uma apaixonada por peles. Ganhar concursos sempre pareceu fácil para Isilda Pelicano, que venceu o Smirnoff Fashion Awards no último ano de curso, em 1991, representando Portugal no concurso internacional.

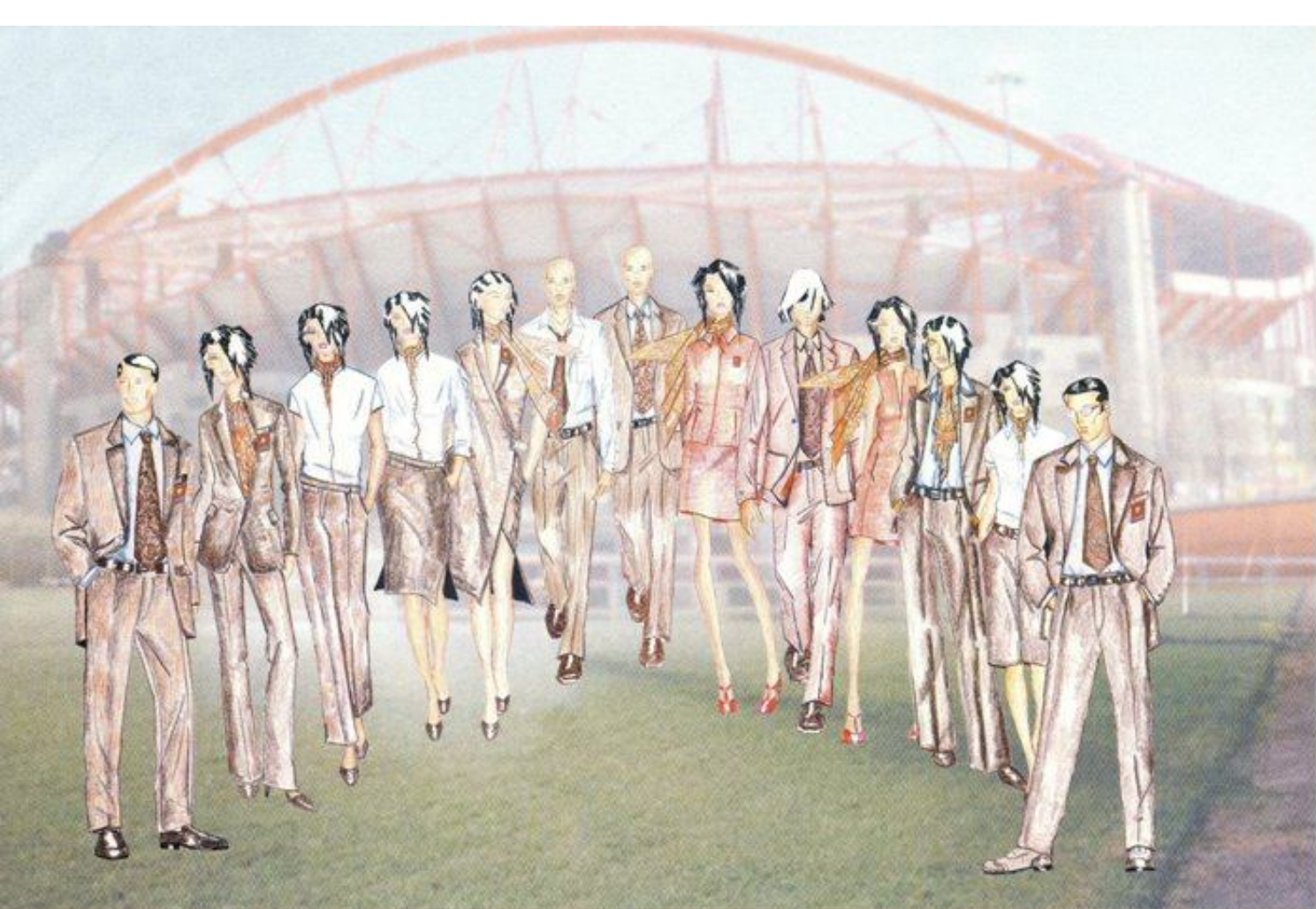
A *designer* de moda revela que, após concluir o curso, não se dedicou de imediato à moda e só o fez após um estudo de mercado que lhe deu algumas garantias de sucesso na área em que ela mais gostava de trabalhar: as peles. Isilda lembra que teve boa receptividade à sua primeira colecção no final de curso e que já incluía peles: "Cheguei à conclusão de que as pessoas gostavam de peles, mas consumiam marcas estrangeiras, e eu achei que se criasse um bom produto a preços idênticos pensariam duas vezes. Faltava um bom produto nacional nesta área", afirmou. Mas tudo isto aconteceu de forma faseada e bem estudada para não dar um passo em falso, e só depois dos quarenta anos. Hoje considera que qualquer um pode fazer um curso de moda desde que tenha dinheiro, mas

depois saem para o mercado e acabam por desaparecer: "Não há aposta nos jovens talentos e eles não sabem sobreviver sozinhos."

Apesar das participações no Portugal Fashion, na Moda Lisboa ou em concursos de menor dimensão, ainda levou algum tempo para se afirmar no mundo *fashion!* Muitas vezes, as suas colecções eram apresentadas no grupo dos criadores de indústria e não na secção dos estilistas, costureiros ou *designers* de moda, tudo por culpa das fardas e do sucesso que entretanto ganhou na indústria de fardamentos.

Mas tudo pareceu mudar quando a bela e famosa Laetitia Casta lhe encomendou um fato para levar ao Festival de Cannes. Isilda conta que "foi um feliz acaso, um *coup-de-foudre*, como eu costumo dizer. Acabei por confeccionar um fato com o tecido do avesso, onde as texturas eram salientes e dava ideia de uma certa transparência, e um pouco de pele. A ideia surgiu quando fui visitar um fornecedor e vi um tecido meio escondido que me chamou a atenção, mas como era um 'pano' experimental o fornecedor não queria vendê-lo..."

No entanto, não gosta do rótulo de estilista ou de tratar as suas colecções como alta costura. Considera que alta costura só se faz em Paris, Milão ou Nova Iorque, por exemplo! São roupas com muito trabalho manual, por entre rendas e tecidos trabalhados ao mais pequeno pormenor, são peças únicas e quase sempre vendidas a quantias astronómicas, porque considera que a alta costura também se define pelo preço de cada peça. "Eu também faço mode-



Perspectiva global da colecção

Os modelos deixam transparecer uma imagem adaptável a diversas faixas etárias, em que o colorido e o *design* arrojado sobressaem na qualidade e funcionalidade dos tecidos sugeridos

los exclusivos, mas jamais venderei um peça por seis mil euros e também ninguém nos daria", esclarece, consciente da diferença entre a realidade portuguesa e a realidade estrangeira no mundo da moda, a que só Fátima Lopes conseguiu chegar perto: "Talvez porque teve meios para abrir uma loja em Paris e porque tem toda uma estratégia de *marketing* bem montada. E há regras de alta costura que eu nem sempre aplico nas minhas colecções."

Mas se tiver de definir o seu estilo ou a sua roupa de *prête-à-porter* diz apenas colecção de loja ou colecção de *atelier*. "Mas sou acima de tudo uma *designer* de moda que cria colecções", afirma. E o que é um *designer* de moda? "Há anos que tento descobrir uma definição, mas para mim é acima de tudo aquele que dá diariamente resposta

aos problemas que se lhe põem. E isso pode ir desde a melhoria de imagem de uma pessoa a um guarda-roupa de um filme, numa colecção de *prête-à-porter*, tentando dar boa resposta ao tema apresentado."

PRIMEIRA FARDA NO PRIMEIRO ANO DO CURSO

As fardas são realmente uma das paixões de Isilda Pelicano, que junta o útil ao agradável na execução dos fardamentos, sem no entanto descurar a criatividade nas colecções de *prête-à-porter*. Para a "estilista" beirã, trabalhar fardas e roupa de colecção não é bem a mesma coisa – podem até completar-se –, embora reconheça que a nível da execução do trabalho acaba por ser idêntica, pois os passos da pesquisa e escolha dos materiais acontecem em

ambos, mas a nível da metodologia é muito diferente. "Enquanto nos fardamentos temos normalmente de seguir uma ideia ou pretensão do cliente, e por vezes explicar as opções de textura, tecidos ou mesmo do estilo, na colecção *prête-à-porter* é a minha ideia, a minha roupa, ao meu estilo. Tenho liberdade para criar!", explica, por entre rolos de tecido e amostras de matérias-primas espalhadas no *atelier* onde trabalha.

O traje de cerimónia para o Euro 2004 não foi uma experiência única para a estilista nortenha, que já antes tinha garantida a criação e o fabrico da roupa que os trabalhadores da Portugal Telecom usaram na Expo'98. Ou mesmo a que hoje ostentam os funcionários da Central de Cervejas (Sagres), o Coro Gregoriano de Lisboa ou as que habitualmente vemos nas Lojas do Cidadão. Mas a primeira farda apareceu ainda na época de estudante e teve um carácter voluntário. Ainda mal tinha começado o curso de *designer* de moda quando "cria" a bata para as voluntárias do Instituto de Oncologia de Lisboa. E, com alguma emoção, diz que ainda hoje sente orgulho em ver a sua bata nas voluntárias, quando já passaram mais de dez anos. •